

A PERSPECTIVA LOBATIANA SOBRE O TRABALHADOR E A MÁQUINA EM *O POÇO DO VISCONDE*: UMA RELAÇÃO DE ALIENAÇÃO

LOBATO'S PERSPECTIVE ON LABOURER AND THE MACHINE IN O POÇO DO VISCONDE: A RELATIONSHIP OF ALIENATION

Roberta Reis Bahia Tszesnioski¹

Prof. Dr. Gilson Leandro Queluz²

RESUMO: O presente artigo objetiva analisar como Monteiro Lobato apresentou o trabalhador e a tecnologia em sua obra *O poço do Visconde*. Para tanto, procuraremos elucidar a relação entre a máquina e o trabalhador, uma vez que nesta obra vislumbra-se uma manifestação das ideias de Ford, já que o escritor brasileiro foi um grande admirador do empresário, pois acreditava que este, ao racionalizar o processo de trabalho, contribuiu para melhorar o trabalho do operário.

Palavras-chave: trabalhador; literatura infantil; Monteiro Lobato.

ABSTRACT: This article aims to analyse how Monteiro Lobato presented the labourer and technology in his work *O Poço do Visconde*. To do so, we will seek to elucidate the relationship between the machine and the labourer, since this work envisions a manifestation of the ideas of Ford. The choice to bring in this fordist vision is due to the fact that the Brazilian writer was a great admirer of the entrepreneur, since he believed that Ford's streamlining of the working process had contributed to improve the worker's labor.

Keywords: worker; children's literature; Monteiro Lobato

A Literatura Infantil foi vista em alguns momentos como uma forma literária menor em função de seu atrelamento à pedagogia-utilitária. Além disso, a produção infantil esteve ligada à sociedade de consumo e ao “modo de ser” do adulto. Esses

¹ Mestranda em Tecnologia (UTFPR).

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e do Departamento Acadêmico de Estudos Sociais da UTFPR.

fatores influenciaram sobremaneira as obras destinadas ao público infantil que, geralmente, refletiam uma imposição literária com vistas a representar certa verdade social (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999).

Apesar de Monteiro Lobato não ter sido precursor de uma literatura infantil brasileira, ele rompeu com a tradição europeia que estava sendo utilizada no Brasil em seu tratamento da literatura infanto-juvenil. Além disso, Lobato inseriu e instigou em suas obras o debate político e ideológico.

Frente ao exposto, o presente artigo introduz uma reflexão sobre a representação que o autor faz do trabalhador e da tecnologia em sua obra intitulada *O Poço do Visconde*.

Em meio a alguns impactos vividos por Lobato, como a falência da Revista do Brasil, desdobrada na Monteiro Lobato & Cia. e depois na Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, em 1924, e a fundação, em 1925, da Companhia Editora Nacional, um negócio de Lobato em parceria com seu amigo Octales, o escritor engendra a criação de sua obra infanto-juvenil, que será lembrada por gerações futuras. O marco inicial desta obra foi *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, cuja história ele começa a estruturar em 1921, ano de publicação de *A menina de nariz arrebitado*, antecipado pela divulgação de alguns trechos da história na Revista Brasil (LAJOLO, 2006). O escritor buscava obter, com a literatura infantil, o mesmo sucesso que teve na literatura destinada a adultos. Com o *Sítio*, ele inaugura uma literatura infantil brasileira, acabando por obter o sucesso que desejava.

É nesse ambiente do sítio que surgem tantas outras histórias que irão permear as obras infantis de Lobato, entre elas *O Poço do Visconde*, livro que narra a aventura dos personagens do Sítio na perfuração e exploração de poços de petróleo nos limites da terra de Dona Benta, personagem que servirá como fio condutor de toda a obra.

Monteiro Lobato foi um entusiasta da ideia de exploração do petróleo, que era visto como necessário para o desenvolvimento e o progresso da nação, tanto que, em

conferência realizada em Belo Horizonte, em 1937, falou em defesa do “ouro negro”, na tentativa de conscientizar a população de cada região do país sobre a importância desse combustível para o enriquecimento nacional³. Visitara, por exemplo, o Colégio Nossa Senhora das Dores e nesta visita foi recebido pelas freiras e por algumas alunas, dentre elas a aluna Luci Mesquista, de 16 anos, que pronunciou ao escritor um discurso bastante eloquente. Disse ela:

O vosso sacrifício da carreira literária para se dedicar inteiramente ao serviço da propaganda duma companhia de petróleo é dos mais nobres que conheço. Compreendo que pela palavra falada conseguireis mais do que pela palavra escrita, enveredastes pelo Brasil afora para chamar a atenção dos brasileiros para a grande campanha do petróleo. Mas por que não escreveis um livro sobre o petróleo, no gênero de *Emília no país da gramática*, para cativar os meninos de hoje, pois que esses meninos de hoje vão ser os homens de amanhã?(LOBATO, 2010, p. 42).

Se Lobato seguiu a orientação da adolescente não se sabe; o sabido é que *O poço do Visconde*⁴ foi escrito.

O escritor também foi um grande admirador das ideias fordistas, a ponto de declarar, nos prefácios das obras por ele traduzidas — *Minha vida e minha obra* e *Hoje e amanhã* —, que Henry Ford deveria ser considerado o herói do trabalho, pois foi um revelador das possibilidades do trabalho como remédio de todos os males que o não-trabalho provocava. Ainda nas palavras de Lobato, Ford não imaginava soluções teóricas, idealistas utópicas, ao molde de Rousseau e Marx, os que imaginam soluções teóricas, belas demais para serem exequíveis. Frente a essa afirmação, procuraremos perceber se há uma tendência fordista sobre a perspectiva do trabalho, do trabalhador e da tecnologia na obra *O poço do Visconde*.

³Para saber mais sobre a questão do petróleo, ver: AZEVEDO, C. L. de; CAMARGO, M. M. de R.; SACHETTA, V. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Senac, 1997.

⁴Para ter outra visão sobre a obra *O Poço do Visconde*, ver: OLIVEIRA, L. S. *Monteiro Lobato e a formação da literatura infantil brasileira: um possível questionamento sobre a ideia de precursor*. 2006. 103f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

A narrativa de *O poço do Visconde* inicia-se quando o Visconde, o sabugo inteligente, descobre, entre os livros de Dona Benta, um tratado sobre geologia e põe-se a estudar essa ciência. Conforme foi aprendendo sobre a terra, e como ele mesmo relata “terra-terra, terra-chão e não terra mundo” (LOBATO, 2004, p. 10), pusera-se a compartilhar o conhecimento adquirido por meio das leituras realizadas com os demais moradores do sítio: Pedrinho, Emília, Narizinho, Dona Benta e Tia Nastácia. Visconde explicava-lhes sobre a formação da lua, dos vulcões, das rochas, das planícies e planaltos, algas, células, minerais, sobre o oxigênio e hidrogênio, até chegar à formação do petróleo. O Visconde e os demais chegam à conclusão de que o petróleo poderia ser encontrado nas terras do sítio e poderia, então, ser explorado, trazendo desenvolvimento para os moradores dos arredores do sítio.

Após as personagens do sítio terem encontrado os possíveis locais onde haveria petróleo, começou a abertura dos poços. Para tanto, seria de fundamental importância, seguindo a própria ordem do livro, que houvesse instrumentos necessários para começar a perfuração e trabalhadores capacitados para manejar as máquinas.

Frente a isso, para que o trabalho de perfuração fosse realizado, fazia-se necessária a utilização de máquinas e de trabalhadores que tivessem o controle e o conhecimento do manuseio de tal artefato tecnológico.

A utilização das máquinas seria de extrema importância no processo de perfuração dos poços de petróleo, pois sem elas não seria possível executar a escavação. Contudo, elas deveriam ser importadas, uma vez que no Brasil, por não haver, até então, a exploração de petróleo, visto pelos moradores do sítio como a salvação do país, não existia maquinaria apropriada para execução de tal atividade. Dessa forma, Pedrinho resolve importar tais máquinas, o que fica evidenciado em sua fala:

Vou fazer o pedido das máquinas necessárias. Temos de comprá-las na América do Norte, porque no Brasil não há disso. Abriu vários catálogos em inglês e pôs-se

a folheá-los. Eram gravuras e mais gravuras de máquinas e mais máquinas numa procissão sem fim (LOBATO, 2004, p. 44).

Na própria abertura do livro, na voz de Dona Benta, a personagem diz que há uma prosperidade nos negócios da América do Norte, mais do que em qualquer outro país, pois lá eles sabem explorar petróleo. Lobato, que viveu por cinco anos nos Estados Unidos, tinha nesse país um exemplo de grandeza, riqueza e progresso. O autor afirmará que:

Esse país foi até 1776 uma colônia inglesa, como nós fomos colônia portuguesa até 1822. Está no mesmo continente em que estamos. Possui um território do tamanho do nosso. Foi povoado pelos elementos humanos que entraram na composição do nosso povo: europeu, índio e negro. As riquezas nacionais de ambos os países se equivalem – e ambos possuem a mesma forma de governo. Com tantos pontos de semelhança, por que motivo um se desenvolveu dessa maneira, a ponto de tornar-se o país mais rico e poderoso do mundo, e o outro vive pobre, encarregado de dívidas, com progresso apenas num ou noutro ponto? (LOBATO, 2010, p. 22)

Para Lobato, o segredo da América, bem como da Inglaterra, da Alemanha, da França e dos demais países ricos em poder e cultura, vinha do subsolo, ou seja, da exploração do ouro negro.

Como visto, Lobato era um grande admirador do progresso americano, tanto que, ao residir em Nova Iorque a trabalho, para desempenhar a função de adido comercial, o escritor encantou-se com os Estados Unidos, “um país industrialmente desenvolvido de forma plena e fascinado pela modernidade das máquinas e tecnologia” (LAJOLO, 2006, p. 72).

Segundo Lajolo (2006, p. 10), Lobato, então residindo em Nova Iorque, toma conhecimento de novas técnicas de beneficiamento de minério de ferro, visita as Indústrias Ford e deslumbra-se com o que vê. Reaviva-se e intensifica-se a sua paixão pelo moderno e pela eficiência, o que, anteriormente, nos idos de 1914, fizera-o intolerante em face da cultura primitivamente predatória dos jecas paulistas.

Em *O Poço do Visconde*, a perspectiva fordista aparece de forma bem clara quando os personagens fazem alusão ao mecanismo de trabalho dos operários, bem como a utilização da maquinaria como instrumento para aumento da eficiência do trabalhador. Sendo assim, a máquina é vista como instrumento do progresso e sem ela o operário é incompleto. Para Ford, além da “máquina ser o símbolo da dominação do homem sobre a natureza, a escravidão reina onde ela ainda não penetrou” (FORD, 1964, p. 305).

Nessa forma de produção não há espaço para a ociosidade, “ninguém tem direito a ociosidade e não há para o ocioso lugar na civilização” (FORD, 1964, p. 64). Este é um dos motivos para que se modifiquem os métodos de fabricação para aperfeiçoá-los, diminuindo a ociosidade do operário, dando-lhe mais trabalho e tornando seu trabalho mais rápido e eficiente.

A maquinaria aumenta a produtividade do trabalhador enquanto abrevia o tempo necessário para a produção de um artefato. Essa diminuição do tempo, que passa a ser vista como espaço para ociosidade, poderia melhorar a vida do operário trazendo-lhe bem-estar, dando-lhe a oportunidade de se dedicar a atividades que lhe trouxessem prazer. Porém, não é isso que acontece. Ao trabalhador é dada uma jornada maior de trabalho, exigindo-se dele um aumento na produtividade, o que será transformado em lucro para o empresário capitalista.

Após os personagens do Sítio terem adquirido as máquinas para a escavação, tornou-se necessária a contratação de profissionais especialistas nesse tipo de trabalho, já que no Brasil não existiam profissionais capacitados, como mencionado no livro. Para realizar tal obra, Narizinho resolve contratar operários de outras nacionalidades.

E veio a turma de operários especialistas contratados por Míster Kalamazoo – americano perfurador conhecedor da técnica de perfurar poços de petróleo – gente de várias nacionalidades – um rumaico, dois alemães, dois argentinos. “Os petroleiros só arranjam bons especialistas nos países que já têm exploração de

petróleo.” Além da turma de perfuradores, havia um ferreiro, dois mecânicos, um foguista e dois ajudantes “paus para toda obra”. E também um geólogo-químico para fazer análises de materiais, classificar fósseis, etc.” (LOBATO, 2004. p. 49).

Nesse fragmento, percebe-se a necessidade de trabalhadores especializados em cada função. Há nisto uma racionalização do trabalho, no sentido de que cada operário exerceria apenas a atividade para a qual foi contratado. Percebe-se que para cada elemento do trabalho individual do operário há um aparato tecnológico utilizado para substituir seus métodos e conhecimentos empíricos.

Realizados todos os procedimentos — os estudos geológicos e geofísicos para localizar os ambientes em que havia petróleo; a compra das máquinas para o trabalho; a contratação de operários — começou então o trabalho dos operários:

Às oito horas um sino tocou, anunciando o começo do serviço. Os operários dirigiam-se para a sonda. Começou a batagem. A máquina fazia um vaivém puxando e largando o cabo de aço, que subia até a roldana de cima, dava volta e descia, tendo na ponta a haste do trépano (LOBATO, 2004. p. 53).

Nessa primeira passagem, percebe-se a necessidade de cronometrar e controlar o início da atividade realizada pelo trabalhador, o qual tinha horário e tempo para cumprir, além do ritmo com que o trabalho deveria ser realizado, ditado pelo movimento da máquina.

Além disso, as batidas eram incessantes, “pum-pã, pum-pã, pum-pã, numa toada tão monótona que dava até sono” (LOBATO, 2004, p. 54).

Para organizar, sistematizar o trabalho a ser realizado pelos operários, Míster Kalamazoo, resolveu dividir o trabalho por turnos, de forma que as atividades de escavação não parassem em nenhum momento. Para tanto, ele:

Dividira o pessoal em três turmas, cada uma com oito horas de trabalho, de modo que o serviço fosse contínuo pelas 24 horas do dia. Mas era trabalho monótono. Um pum-pã de

dia e de noite, só interrompido pelas paradas para colocar nova haste, ou mudar o trépano (LOBATO, 2004, p. 54).

Novamente é feita referência ao trabalho repetitivo desses operários: “enquanto o ferreiro cuidava daquele trépano, lá na sonda os operários concluíam a colocação do novo, e o serviço recomeçou, pum-pã, pum-pã, na monótona toada de sempre” (LOBATO, 2004, p.55). Sendo assim, cada indivíduo deveria cumprir sua tarefa dentro do tempo determinado, o que provocava a exploração do proletário que tinha que se desdobrar para realizar sua atividade dentro do tempo cronometrado.

Além disso, essa atividade repetitiva do operário causa, de certa forma, uma degenerescência intelectual e deformação orgânica do indivíduo, conforme afirma Paul Lafargue (1999). Esse tipo de trabalho, posto em *O poço do Visconde*, fica bastante evidente, pois os operários faziam sempre as mesmas coisas, com os mesmos movimentos. Frente a essa colocação, podemos novamente encontrar a presença de Ford, que declara:

Para certa classe de homens, o trabalho repetido ou a reprodução contínua de uma operação que não varia nunca constitui uma perspectiva horrível. A mim me causa horror. Ser-me-ia impossível fazer todos os dias a mesma coisa; entretanto para outros, posso dizer para a maioria, este gênero de trabalho nada tem de desagradável. Com efeito, para certos temperamentos, a obrigação de pensar é que é apavorante. O ideal para eles corresponde ao serviço onde o cérebro não trabalhe. O tipo médio de operário, com tristeza o digo, evita o trabalho que requer os dois esforços conjuntos. Não querem pensar.

Para quase todos os fins e para o comum das pessoas, é necessário estabelecer-se uma rotina que transforme o trabalho numa repetição de movimentos (FORD, 1964, p. 80).

Para Ford, ao trabalhador comum não haveria estranheza em realizar atividades repetitivas, definidas dessa forma pela utilização das máquinas. Porém, ao trabalhador que cabe o dever de pensar, o trabalho repetitivo seria um processo horrendo, pois mecanizando sua atividade, logo, mecanizaria o seu pensar.

Mediante o trabalho que faziam, esses trabalhadores do sítio de Dona Benta, que por sua vez serão subjugados por tal artefato tecnológico, veriam no trabalho algo não prazeroso, e logo desabafariam sobre o trabalho que realizavam. Depois da explicação de como seria uma atividade que o foguista teria que realizar, vislumbra-se, novamente, a situação de trabalho desses operários.

Os meninos desceram da torre e foram visitar a casa das máquinas e as oficinas. A um canto erguia-se a enorme caldeira, dando a ideia dum rinoceronte de ferro. Nela queimava-se a lenha para produzir o vapor que movia todas as máquinas da sonda.

— Quantos cavalos? — perguntou Pedrinho ao foguista.

— Cem — respondeu um operário de cara suja de carvão, que outra coisa não fazia senão botar lenha na fornalha e olhar os manômetros que marcam as pressões (LOBATO, 2004. p. 50).

Percebemos, nesse fragmento, que o trabalho do operário é destituído de qualquer tipo de conteúdo. Marx (1996), no capítulo intitulado “Maquinaria e Grande Indústria”, de sua obra *O Capital*, relata que, mesmo a maquinaria tendo facilitado o trabalho do operário, esta se torna um meio de tortura, “já que a máquina não livra o trabalhador do trabalho, mas seu trabalho de conteúdo” (MARX, 1996, p.55). O autor ainda acrescenta que toda produção capitalista, à medida que não é apenas processo de trabalho, mas ao mesmo tempo processo de valorização do capital, tem em comum o fato de que não é o trabalhador quem usa as condições de trabalho, mas que, pelo contrário, são as condições de trabalho que usam o trabalhador, sendo, porém, com a maquinaria que essa inversão ganha realidade tecnicamente palpável.

A perspectiva difundida dentro da teoria marxista é de que o trabalho é a atividade humana de transformação da realidade que se manifesta como autoconstrução, pois, ao construir algo, o sujeito constrói a si mesmo, como indivíduo, propiciando o desenvolvimento das suas potencialidades. Sendo assim, o trabalho faz com que os sujeitos percebam o seu real valor no seio da sociedade, bem como lhes

fornece condições de articulação na garantia de seus direitos, já que contribuem de forma significativa na produção de riqueza do país.

Por conseguinte, pode-se dizer que o trabalho está além do executar tarefas, uma vez que envolve a totalidade das atividades humanas, possibilitando a articulação dos sujeitos envolvidos no processo de produção, de forma livre e consciente.

Na forma de produção capitalista, percebe-se que o trabalho é tido como mercadoria. O trabalhador, força propulsora da produção de riqueza, não adentra no mundo capitalista como um produtor dotado de capacidade criativa, como um sujeito que tem suas necessidades, mas sim como um mero instrumento de produção. O capitalista busca, de maneira desmesurada, explorar o trabalhador como forma de aumentar sua riqueza. O trabalhador, por sua vez, tem a doce ilusão de que está a vender sua força de trabalho, quando, na verdade, a ele é imposta, implicitamente, tal atitude, até mesmo pela condição de conseguir seu sustento para sanar suas necessidades básicas. Então, quando o trabalhador pensa estar vendendo a sua força de trabalho livremente para o capitalista, ele está iludido em relação à sua liberdade.

O trabalho, como apresentado em *O Poço do Visconde*, está subordinado ao capital, alienando, assim, o operário. Uma vez que o trabalhador não consegue se reconhecer no processo de trabalho que realiza, a noção sobre sua importância como fio condutor na produção de riquezas diminui. Este trabalho não é atividade humana de transformação, não constrói o sujeito, muito menos o liberta.

Dessa forma, pode-se afirmar que o sujeito trabalhador tem sua identidade diminuída, quiçá apagada, e suas funções produtivas fragmentadas. Percebe-se que, com a perda da identidade do trabalhador, há como consequência a perda de sua autonomia, de seus meios de produção, do planejamento e do processo de trabalho, uma vez que tudo passa a ser segmentado, o que subjuga o trabalhador ao domínio do capital.

Frente a essas colocações, pode-se perceber que a utilização da maquinaria, apesar de permitir que os poços de petróleo pudessem ser perfurados, o que traria riqueza para os moradores do Sítio e progresso para os habitantes que viviam aos arredores da casa de Dona Benta, em nada alegrava quem realmente estava trabalhando, pelo contrário, subjugava os trabalhadores e os alienava.

No final do livro, todos os poços de petróleo são produtivos, trazendo desenvolvimento e riqueza para os moradores de além do sítio. Em homenagem à Dona Benta, é feita uma placa de bronze escrito: “A D. Benta E. de Oliveira. Descobridora de Petróleo no Brasil, e avó de Pedrinho e Narizinho, oferece a Pátria Agradecida”. (LOBATO, 2004, p. 102).

O dinheiro advindo do petróleo, foi investido pelo pessoal do Sítio em

estrada de rodagem — pavimentadas de concreto; escolas profissionais; casas de saúde moderna; casas decentes para as gentes da roça; casas de ciências para os meninos que mostrarem vocação para os altos estudos; universidades como a de Harvard (LOBATO, 2004, p. 90).

Dona Benta acreditava que o dinheiro deveria ser investido no bem-estar da população, e diz que:

O maior prazer da minha vida é fazer o bem. Eu sempre quis beneficiar esse nosso povo da roça, tão miserável, sem cultura nenhuma, sem resistência, largado em pleno abandono no mato, corroído de doenças tão feias e dolorosas. Se empregarmos nosso dinheiro em melhorar-lhe a sorte, não só nos divertiremos, como ficaremos com a consciência tranquila. Meu programa é esse (LOBATO, 2004, p. 90).

Percebe-se que esta é a mesma visão que Monteiro Lobato demonstra ter. Apesar de haver também um interesse individual, deseja melhorar a vida da população brasileira com a riqueza adquirida por meio da exploração do petróleo, ideia que coincide com as políticas de bem estar social e controle social defendidas por Ford.

Monteiro Lobato, apesar de não ter sido precursor de uma literatura infantil brasileira, trouxe para o discurso literário questões políticas, econômicas e ideológicas, como pode-se observar em *O Poço do Visconde*. Além disso, foi um grande entusiasta do desenvolvimento do Brasil. Ausentou-se de suas atividades como fazendeiro, adido comercial, literato e advogado para dedicar-se ao seu novo ofício: conscientizar a população sobre a existência do petróleo em terras brasileiras, bem como sua exploração para trazer riqueza para o país e com isso melhorar a vida dos brasileiros. Ou seja, ele iguala o desenvolvimento petrolífero do Brasil a uma política de desenvolvimento nacional.

Porém, esse entusiasmo é marcado pela perspectiva fordista de desenvolvimento. Nesse sentido, Lobato defende a racionalização do processo de produção do trabalho para torná-lo mais rápido e eficiente a partir da utilização sistemática da maquinaria.

O trabalho realizado em *O Poço do Visconde* deixava a atividade laboral dos operários sempre igual, com os mesmos movimentos, levando-os, em sua monotonia e repetição, a uma economia de pensamento.

Além disso, Lobato acreditava que todas as riquezas advindas da exploração do petróleo poderiam ser revertidas em política de bem estar social para a população. Dona Benta abre estradas, escolas profissionais, postos de saúde.

Portanto, ao assumir a perspectiva fordista, ele propõe um trinômio para balizar sua crença no desenvolvimento do Brasil: reorganização produtiva do Brasil, a partir da exploração de petróleo; racionalização do trabalho para torná-lo mais ágil e eficaz; política de bem estar social, com o intuito de que houvesse um controle social de produção a partir das elites dominantes.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, C. L. de; CAMARGOS, M. M. de R.; SACHETTA, V.. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Senac, 1997.
- FORD, H.. *Princípios da Prosperidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Bastos, 1964.
- GORZ, A.. *Adeus ao proletariado*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- LAFARGUE, P.. *O direito à preguiça*. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1999.
- LAIJOLO, M.. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. 2. ed. São Paulo: Salamandra, 2006.
- LAIJOLO, M.; ZILBERMAN, R.. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Ática, 1999.
- LOBATO, M.. *O Poço do Visconde*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. *Conferências, Artigos e Crônicas*. São Paulo: Globo, 2010.
- MARX, K. *O Capital*. São Paulo: Nova Cultura, 1996.
- OLIVEIRA, L. S.. *Monteiro Lobato e a formação da literatura infantil brasileira: um possível questionamento sobre a ideia de precursor*. 2006. 103f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em História da Ciência, PUC-SP. São Paulo, 2006.
- RAGO, M.; MOREIRA, E. F.P. *O que é taylorismo*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.